

Div. Externa

# "Comunidade está desapontada"

por Maria Clara R.M. do Prado  
de Brasília

"A comunidade financeira internacional partilha um sentimento de desapontamento com relação ao Brasil, a partir do fracasso do Plano Cruzado." A colocação é do presidente do Arab Banking Corporation, Abdulla A. Saudi, que se encontra no País como "chairman" do Arab Latinamerican Bank (Arlabank), uma instituição internacional que reúne como acionistas bancos de capital árabe (com participação de 60%) e latino-americano.

A decepção surgiu a partir do segundo semestre, conforme revelou, quando os banqueiros começaram a perceber uma forte mudança nos rumos da econo-

mia brasileira — "de resultados positivos, passou-se para resultados desapontadores".

O presidente do Arab Banking Corporation — a instituição é uma das catorze que compõem o comitê assessor da dívida externa brasileira — atribuiu o fracasso do Plano Cruzado ao excesso de confiança: "As pessoas achavam que todos os problemas do País estavam resolvidos" — e disse que este clima de confiança chegou a mudar a forma de relacionamento do governo brasileiro com a comunidade financeira internacional.

No início, logo após a edição do Cruzado, os bancos reagiram "como se o Brasil fosse um país com o qual não precisam mais se preocupar", mas, hoje, diante

da atual situação, existe em meio aos banqueiros uma forte impressão, ainda de acordo com ele, que países em desenvolvimento não têm condições de patrocinar planos de estabilização econômica próprios. Abdulla acenou, portanto, com a necessidade de que o processo de renegociação da dívida externa brasileira se desenvolva sob a coordenação de instituições internacionais do porte do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Indicou que o sentimento de decepção dos bancos para com o Brasil poderá ser revertido: "Vai depender de quão rápido o País vier a corrigir suas distorções e posso dizer que quanto mais demorar tanto pior será".

Saudi, na qualidade de "chairman" do Arlabank, veio ao Brasil junto com outros membros da diretoria daquela instituição internacional em função da reunião do comitê executi-

vo daquele banco que se realizou no Rio de Janeiro, no início da semana.

Ontem, almoçou no Ministério da Fazenda com o ministro Dilson Funaro e o ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, depois de ter mantido uma conversa com o presidente do Banco do Brasil, Camillo Calazans. O BB participa do capital do Arlabank — os ativos totais estão estimados em US\$ 13,066 bilhões — com 6,66% das ações. Sobre a possibilidade de o Brasil conseguir dinheiro novo dos bancos credores neste ano, o presidente do Arab Banking Corporation foi reticente. Revelou que vontade de colaborar com o Brasil sempre existe, mas tudo depende da ocasião e das possibilidades. Como exemplo, revelou que os bancos árabes se encontram atualmente em situação mais apertada, como reflexo da queda ocorrida no ano passado com os preços do petróleo.